



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

GRAVAÇÃO, REDACÇÃO E REPRODUÇÃO DE INSCRIÇÕES.

PASSOS, Carlos de

Ano: 1924 | Número: 34

Como citar este documento:

PASSOS, Carlos de, Gravação, redacção e reprodução de inscrições. *Revista de Guimarães*, 34 (4) Out.-Dez. 1924, p. 207-210.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

GRAVAÇÃO, REDACÇÃO E REPRODUÇÃO DE INSCRIÇÕES

Dos velhos livros coisa alguma se consegue saber àcerca do modo de gravar as inscrições. Dão-nos essa lição aquelas que existem incompletas. Primeiro alisava-se a pedra e pautava-se, depois desenhavam-se as letras. Fazia-se a pauta com um fio molhado em zarcão, cujas linhas vermelhas eram as *rubricae* dos latinos. Mais tarde substituíram o zarcão pela régua e estilete. Na Idade-Média as linhas traçavam-se ao de leve, mas depois foram-se cavando, até que tomaram funções ornamentais. Umas vezes corriam as linhas a todo o comprimento, doutras marcavam-se só nos lados. Nas placas metálicas a gravação era feita a buril. Algumas, porém, executavam-se por percussão; nesse caso batiam-se as letras pela parte posterior da superfície apoiada em placas de chumbo. Este processo dava umas lindas inscrições relevadas e pontilhadas.

As lâminas enceradas gravavam-se a estilete. E nos materiais moles empregava-se a moldagem, já por punção, já fazendo o molde da matriz (chumbo e barro).

De alguns escritores consta haver-se feito em pedra a incrustação de letras metálicas (bronze, ouro e prata). Nem uma há para amostra, mas abundam vestígios disso. Na verdade, há inscrições em pedra com buracos e superfícies rugosas, o que não tem outra explicação.

Havia também o costume de pintar as inscrições. Na Grécia era isso tam freqüente que o ajuste duma

inscrição incluía sua pintura. Em Roma gastava-se zarcão na pintura em pedra e tinta branca na do bronze.

Também se usou a gravação em alto relêvo, mormente na escrita alemã.

Consoante a procedência das inscrições, assim elas se classificam em *públicas* ou *oficiais*, *mixtas* e *particulares*.

Participam do grupo ou classe das *públicas* as mandadas executar pelos Estados, em comemoração de factos notáveis, para glorificação de reis e generais, para publicação de leis, etc. Foram muito usadas no Egipto e na Assíria. A Grécia também fazia delas grande gasto, tendo até empregados para sua redacção e vigilância de execução. Já em Roma foi menor seu consumo.

Tinham as *mixtas* natureza particular. Mas, quando se tratava de contratos, compareciam delegados da autoridade respectiva a fiscalizar a verdade dos factos exarados. Isto obrigava a uma redacção acurada, mormente nas cidades. As dêste grupo da Idade-Média perderam-se quasi tôdas; as que apareceram são de pouco valor, pois se limitam a apontar datas e dedicatórias da erecção de monumentos.

Das *particulares* não há notícias nos velhos autores sôbre sua redacção, a qual se tem apurado pelo estudo comparativo das que aparecem e em referências avulsas. Nas cidades redigiam-se bem e até com elegância; o acabamento era apurado. Por vezes o verso substituía a prosa. Mas nas terras pequenas, como a obra epigráfica era feita por pedreiros, saía, em regra, mal acabada, tanto na redacção como na gravação. As inscrições de mais voga eram as funerárias. Para elas guardavam os pedreiros uns formulários certos, sendo só questão de nome e data. Este costume corrente na antiguidade e no medievalismo tem hoje, ainda, a mesma vitalidade.

Dá-se o caso de aparecerem também inscrições mal trabalhadas e com versos bons; isso prova a inability do canteiro e a competência do redactor, das

legendas. E também houve inscrições de versos coxos (prosa rimada) a memorar factos milagrosos, tais como os nossos quadros votivos.

Quanto ao emprêgo dos caracteres alfabéticos, Roma servia-se do capital, a Idade-Média do oncial, com algum capital de permeio, mas no seu declinar abandonou o oncial e, assim, voltou a dominar o capital. No século XIV, porém, reaparece o oncial, embora dum modo amaneirado (forma monacal). Em fins dêste século e princípios a voga foi do alemão. Já a Renascença deu novamente foros de cidade ao capital.

Havendo dificuldades em ler qualquer inscrição, ou por má disposição ou por má luz ou pela altura, é mister reproduzi-la, depois do que melhor se fará a leitura. Por quatro processos se pode realizar êsse serviço: *cópia*, *decalque*, *fotografia* e *moldagem*. Mas, antes de se empregar qualquer dêles, limpar-se há do pó, cuidadosamente, a inscrição, à brocha e não com ferros.

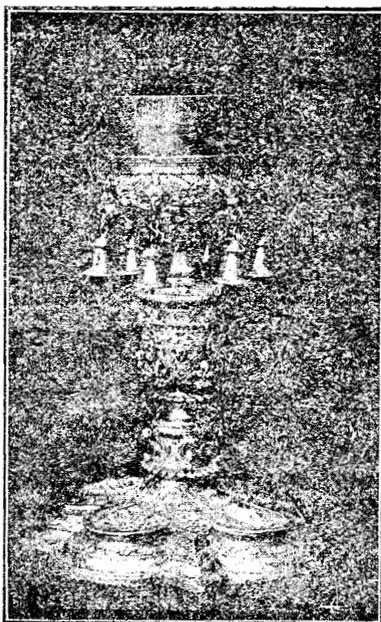
O processo da *cópia* pratica-se desenhando a inscrição. É o mais imperfeito porque, forçosa e involuntariamente, se cometerão erros e faltas.

Quási tam imperfeito como o anterior é o processo da *fotografia*, pois não só tem o inconveniente grave de reduzir os caracteres, como carece de evitar os constantes e maus efeitos de luz.

Pelo *decalque* já se melhora o serviço, através da desvantagem de sujar-se as inscrições. Podêmo-lo realizar por três maneiras: 1.º Passando com tinta de impressão a superfície da inscrição para se lhe obter o negativo; é grosseiro, pouco visível e prejudica a pedra. 2.º Colocando uma fôlha de papel grosso sobre a inscrição e passando-a com uma rôlha embebida em plombagem; em regra fica imperfeita a cópia. 3.º Molhando-se a inscrição e cobrindo-a com uma fôlha de papel de algodão, molhada, que depois se bate com uma brocha farta. As bolhas de água que surgirem, furam-se a alfinete. É a melhor maneira das três e a mais simples, barata e limpa. Se se romper a fôlha, logo se substitui por outra.

Embora a *moldagem* seja o melhor e o mais perfeito processo de todos, nem sempre é prático. Também por três maneiras se executa: 1.º ajustando-se a inscrição numa caixa com gelatina quente; isto, porém, entra muito na bôlsa. 2.º aplicando-se-lhe barro plástico depois de se ter o cuidado de polvilhar a inscrição com pó de jaspe; 3.º aplicando-se plasticina ou cera. Este último é o que serve para inscrições menores.

CARLOS DE PASSOS.



CÁLICE RENASCENÇA
(TESOURO DA COLEGIADA — GUIMARÃES)